

Crônicas e a discussão sobre Educação do Campo

Chronicles and the Rural Education Discussion

RESUMO

Daniel Igor Pellissari
danielpellissari@outlook.com
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Cornélio Procópio, Paraná, Brasil.

Línlya Sachs
linlyasachs@yahoo.com.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Cornélio Procópio, Paraná, Brasil.

Este artigo faz parte de uma pesquisa, que visa conhecer possíveis futuros professores de matemática de escolas do campo, compreendendo o que os aproxima e o que os distancia da atuação nessas escolas. Foi realizada uma roda de conversa com duas licenciandas matriculadas no último semestre do curso de Licenciatura em Matemática do câmpus de Cornélio Procópio, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, para discutir a temática da Educação do Campo, a partir de uma leitura compartilhada e comentada de um livreto de crônicas que traz textos fictícios, inspirados na realidade vivenciada durante uma pesquisa em uma escola do campo. Concluímos que o curso mais as distancia que aproximam da atuação nessas escolas. A quase total ausência dessa temática mantém um desconhecimento sobre essas escolas e sobre políticas educacionais específicas.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de Professores. Licenciatura em Matemática. Escolas do Campo. Educação do Campo.

Recebido: 19 ago. 2019.

Aprovado: 01 out. 2019.

Direito autorial: Este trabalho está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.



ABSTRACT

This paper is part of a research that aims to know possible future teachers of mathematics of rural schools, understanding what brings them closer and what distances them from acting in these schools. A discussion was held with two undergraduate students' Degree in Mathematics at the *Universidade Tecnológica Federal do Paraná*, to discuss the subject of Rural Education, based on a shared and commented reading by a booklet of chronicles that brings fictional texts, inspired by the reality experienced during a research in a rural school. We conclude that the course distance them closer to the performance in these schools. The almost complete absence of this theme maintains a lack of knowledge about these schools and about specific educational policies.

KEYWORDS: Rural Education. Teacher training. Degree in Mathematics. Chronicles

INTRODUÇÃO

A formação de professores para atuação em escolas do campo tem sido uma preocupação dos movimentos sociais e isso tem se refletido em políticas públicas nas duas últimas décadas. A ausência de professores com formação adequada e a rotatividade de professores em escolas do campo, porém, ainda é um problema existente.

O Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (Procampo), instituído pelo Ministério da Educação em 2012, visava oferecer formação inicial a futuros professores de escolas do campo e a professores leigos em exercício nessas escolas, especialmente dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (BRASIL, 2013). No fim de 2017, de acordo com Santos (2018), havia 36 cursos de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Matemática (ou Ciências da Natureza e Matemática) em funcionamento no país. Porém, a partir de 2016, muitos desses cursos entraram em processo de extinção, devido ao desincentivo do Ministério da Educação (BRASIL, 2016).

Assim, os cursos comuns de Licenciatura, nas diversas áreas, são os que formam, predominantemente, os professores para atuarem em escolas do campo. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada de professores (BRASIL, 2015) consideram, nas diferentes modalidades da Educação Básica, a Educação do Campo:

A formação inicial e a formação continuada destinam-se, respectivamente, à preparação e ao desenvolvimento de profissionais para funções de magistério na educação básica em suas etapas – educação infantil, ensino fundamental, ensino médio – e modalidades – educação de jovens e adultos, educação especial, educação profissional e técnica de nível médio, educação escolar indígena, educação do campo, educação escolar quilombola e educação a distância – a partir de compreensão ampla e contextualizada de educação e educação escolar, visando assegurar a produção e difusão de conhecimentos de determinada área e a participação na elaboração e implementação do projeto político-pedagógico da instituição, na perspectiva de garantir, com qualidade, os direitos e objetivos de aprendizagem e o seu desenvolvimento, a gestão democrática e a avaliação institucional (BRASIL, 2015, p. 9).

Diante disso, nos questionamos que formação os possíveis futuros professores de escolas do campo, de cursos de Licenciatura em Matemática, têm tido para essa atuação. Resolvemos, então, olhar para um curso específico e analisar o que os licenciandos dizem a esse respeito. Assim, o objetivo desta pesquisa é conhecer possíveis futuros professores de matemática de escolas do campo, compreendendo o que os aproxima e o que os distancia da atuação nessas escolas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para esta pesquisa, olhamos para o curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, do câmpus de Cornélio Procopio. A grade curricular desse curso tem uma única disciplina obrigatória que aborda a temática da Educação do Campo, “Prática de Ensino D”, prevista para o oitavo período do curso (último, portanto) e deve ser cursada de forma concomitante com o Estágio Supervisionado D. Como um dos itens da ementa da disciplina, está: “ensino e aprendizagem de matemática [...] na educação do campo”.

Foram convidados os três estudantes matriculados na disciplina no primeiro semestre de 2019, para uma roda de conversa, para discutirmos a temática da

Educação do Campo, mas somente duas alunas aceitaram participar da pesquisa. Para suscitar a discussão, fizemos uma leitura compartilhada e comentada do livreto de crônicas “De professor para professor: escola do campo, e agora?” (BORGES; SACHS, 2017).

Este Produto Educacional se constitui em um livreto composto por 11 crônicas fictícias, que foram inspiradas na realidade vivenciada durante a pesquisa em uma escola do campo. O livreto, portanto, é destinado a professores de matemática e, eventualmente, de outras disciplinas que irão dar aula nas escolas do campo, mas não são do campo. Não quero dizer que a realidade desses professores será exatamente como apresento nas crônicas, muito pelo contrário, espero apenas que, de alguma forma elas possam provocar uma reflexão para que esse professor perceba a importância de conhecer o novo contexto e os sujeitos para os quais irá lecionar (BORGES; SACHS, 2017, p. 4-5).

As alunas que participaram da roda de conversa são Natália e Janaína (nomes fictícios), residem na zona urbana da cidade de Cornélio Procópio, no norte do estado do Paraná. Uma delas, a Natália, porém, tem vivência na zona rural: até os 11 anos de idade, residiu no distrito de Jandinópolis, pertencente ao município de Leopólis (18 km distante de Cornélio Procópio). Ambas estão finalizando o curso de Licenciatura em Matemática e devem concluir em agosto de 2019.

Cinco dias antes, enviamos um e-mail para as estudantes com o livreto de crônicas em anexo, lembrando a data e o horário dessa atividade. Pedindo para que elas realizassem a leitura, se possível, e anotassem alguns trechos para a discussão.

Entregamos uma cópia do livreto para cada uma das duas estudantes no dia do encontro, e explicamos o objetivo da atividade: conhecer os possíveis futuros professores de matemática de escolas do campo, compreendendo o que os aproxima e o que os distancia da atuação nessas escolas, realizando a leitura de algumas crônicas e, então, fizemos perguntas para disparar a discussão.

DISCUSSÃO

Das onze crônicas do livreto de Borges e Sachs (2017), foram lidas sete delas, como descrevemos na sequência. Apresentamos também trechos das falas dos participantes e uma discussão com tratando de vários aspectos da Educação do Campo.

A primeira crônica, nomeada “Tudo Novo de Novo” fala sobre o primeiro dia de aula em uma escola do campo da professora Maria (personagem fictícia). Foram colocadas as seguintes questões às estudantes: Vocês conhecem alguma escola do campo? Se sim, vocês se imaginam lecionando lá? Com a intenção de saber sobre suas experiências, tanto em suas vidas de estudantes, como na formação inicial na Licenciatura em Matemática.

Natália conta sua história enquanto ex-aluna de uma escola da zona rural. Janaína afirma que não conhece e não tem experiência em escolas do campo. Nenhuma das duas estudantes realizaram estágio ou visitas em escolas do campo, pelo fato de não ter nenhuma escola na zona rural de Cornélio Procópio, onde elas

residem, dificultando a realização do estágio supervisionado. Mas elas apontam que o curso poderia proporcionar algum tipo de aproximação com escolas do campo.

Janaína: Talvez alguma disciplina de Tópicos que incluísse isso, algumas visitas técnicas, não sempre, porque tem todo o processo para fazer isso. Mas talvez uma visita, estudar e ver como funciona, conversar com uma professora do campo, seria bem legal.

Natália: Uma coisa eu concordo com a Janaína, a parte prática, visitar um lugar seria muito interessante, vivenciar o deslocamento, a escola, conversar com os professores de lá ou trazer eles para dizerem. Fazer uma mesa redonda para discutir um pouco sobre isso. O Estágio D dá essa possibilidade, mas são quatro locais em que você pode fazer.

A segunda crônica, “Minha Amiga Van”, relata a ida da professora Maria, da zona urbana, onde ela reside, até a zona rural, com condições ruins para o trabalho (acordar muito cedo, estradas ruins e o longo tempo dentro do transporte). Perguntamos, então: O que vocês pensam sobre essa rotina tão cansativa de professores que se deslocam da zona urbana para a zona rural para o trabalho diário em escolas do campo? O que poderia ser feito para mudar ou amenizar a situação?

As licenciandas sugeriram, então, que uma saída seria concentrar as aulas desses professores em poucos dias.

Natália: [...] o que poderia melhorar é colocar todas as aulas, por exemplo, em três dias da semana para que ela não precisasse ir todos os dias, então não sei como é.

Após um questionamento da Janaína sobre haver alojamento para que os professores fiquem próximos à escola, Natália compara com o que acontecia quando era estudante de uma escola na zona rural:

Natália: Tem quase 30 anos que eu me mudei de lá, e eu vejo assim, quando eu morava lá, a maioria dos professores, porque tem um patrimônio perto, a grande maioria dos professores morava ali, mas com o êxodo, agora os professores, a maioria precisa ir, ou de Cornélio [Procópio] ou de Leopólis, para dar aula lá. Então tem todo esse problema, eu conversei esses dias com uma professora de matemática, que vai três vezes por semana para lá. [...] E fica difícil né, professora, a gente vê isso.

Não houve, porém, a indicação de que os próprios moradores do campo poderiam se formar professores e lá atuarem. Por isso, sugerimos:

Pesquisadora: Uma outra possibilidade seria dar formação para as pessoas que moram lá.

Janaína: Sim, perfeito.

A terceira crônica, “A chuva”, mostra as dificuldades de acesso à escola, as goteiras dentro das salas de aula, e sobre os horários, que dependem muito das condições climáticas. Questionamos, então: Maria relata sobre as goteiras nas

salas quando chove. Com relação à infraestrutura, as escolas do campo têm problemas maiores que escolas urbanas, de um modo geral? O que fazer com essas aulas que precisam terminar antes da hora ou que não acontecem devido à chuva? Os estudantes são prejudicados?

A respeito da infraestrutura, Janaína, por não conhecer escolas do campo, não soube dizer; Natália, por sua vez, conta que, na escola em que estudou, a infraestrutura era boa, mas que isso não diz sobre a totalidade das escolas. Ambas destacam a dificuldade em marcar reposição de aula nesse contexto.

Na sexta crônica, “Tapa na Cara”, Maria utiliza essa metáfora para falar da realidade dos estudantes que ela ingenuamente desconhecia. Ela se coloca a pensar sobre a pertinência de tarefas para casa, sobre o fato de desconhecer quem são seus alunos e sobre o trabalho como uma realidade dos estudantes. Questionamos: Vocês consideram importante conhecer quem são seus alunos, o que eles fazem no tempo em que não estão na escola, se trabalham ou não, se têm tempo e condições para realizar as tarefas em casa?

Elas dizem que sim. Questionada sobre estratégias para isso, Natália diz:

Natália: Então, talvez pedir para eles trazerem um pouco da cultura ou do ambiente deles, um exemplo é eles fazerem um problema de matemática, mas colocando o que você vive no seu dia a dia, então trazendo os pais, comentando um pouco da experiência de vida, ou alguma coisa assim.

Na sequência, lemos de uma só vez, as crônicas 7 e 8, “Diferença” e “Mãos na Massa”. Abordamos as possibilidades de aulas de matemática na escola do campo. Para as licenciandas, a contextualização é muito importante, essencial na aprendizagem, tanto na zona rural, quanto na zona urbana.

Essas considerações levam a uma discussão sobre o que são aulas contextualizadas, se a troca de termos ou de exemplos é suficiente para tal. Oliveira (2010, p. 306) nomeia esse tipo de abordagem de “ruralizante”: “aqueles [problemas matemáticos] em que ‘balas’ eram trocadas por ‘sacas de milho’, numa operação de enxertar um contexto agrícola a um padrão de problemas escolares já estabelecido”.

Por fim, a décima primeira crônica, intitulada “PSS não tem vez”, que toca na temática da rotatividade de professores (não apenas em escolas do campo), por conta de contratos temporários que os governos utilizam para vagas permanentes. Colocamos as questões para as licenciandas: A rotatividade de professores em uma escola é problemática? Esta é uma realidade comum em escolas do campo? Vocês, caso fossem chamadas (seja por concurso ou por PSS) para trabalharem em escolas do campo, iriam? Quais seriam os desafios?

Ambas responderam que assumiriam aulas em escolas do campo, porém, sinalizam que o curso não as preparou para tal atuação.

A roda de conversa se encerra e as discussões feitas podem contribuir no futuro profissional das estudantes, que podem (ou não) ser professoras de escolas do campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, pudemos conhecer duas possíveis futuras professoras de matemática de escolas do campo. Notamos que o curso que elas fazem, de Licenciatura em Matemática, mais as distanciam que aproximam da atuação nessas escolas. A quase total ausência dessa temática mantém um desconhecimento sobre essas escolas e sobre políticas educacionais específicas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Tecnológica Federal do Paraná, pelo apoio financeiro para realização desta pesquisa, no âmbito do Programa Institucional de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS

BORGES, L. G.; SACHS, L. **De professor para professor: escola do campo, e agora?** 2017. 24 f. Produto Educacional (Mestrado Profissional em Ensino de Matemática) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Educação do Campo PRONACAMPO: documento orientador.** Brasília: Ministério da Educação, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2 de julho de 2015, seção 1, p. 8-12.

BRASIL. Ministério da Educação. **Nota técnica conjunta Nº 3/2016/GAB/SECADI/SECADI.** Brasília, DF, 27 abr. 2016. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=39261-nt-conjunta-03-2016-setec-sesu-secadi-pdf&category_slug=abril-2016&Itemid=30192. Acesso em 28 de junho de 2019.

OLIVEIRA, H. D. L. Atividades produtivas do campo no currículo: reflexões a partir da Etnomatemática. In: KNJNIK, G.; WANDERER, F.; OLIVEIRA, C. J. (Orgs.). **Etnomatemática, currículo e formação de professores.** 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. p. 305-322.